



Jair Vitória

O outro apaixonado por Marília de Dirceu

ENTRE
LINHAS
SOCIEDADE

Ilustrações: Caco Bressane

1ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Gerente editorial executivo • Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira
Editora • Kandy Saraiva
Assistentes editoriais • Laura Vecchioli, Flavia Zambon, Andréa Der Bedrosian
Produtor editorial • Elcyr Oliveira
Auxiliar editorial • Patrícia Pellison
Coordenação e produção editorial • Estúdio Kiwi
Preparação de texto e revisão • Agência Página Três
Projeto gráfico (miolo e capa) • Homem de Melo & Troia Design
Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Fabiana Camargo Pellegrini
Produtora gráfica • Liliane Cristina Gomes
Impressão e acabamento •

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Aline Graziele Benitez CBR8/145

V828j

1.ed. Vitória, Jair

O outro apaixonado por Marília de Dirceu / Jair Vitória;
ilustração de Caco Bressane. 1.ed. – São Paulo: Atual, 2015.
224 p. il.; (Coleção Entrelinhas; sociedade)

ISBN: 978-85-357-2000-6

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Bressane, Caco. II. Título.
III. Série.

CDD 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: ficção 869.93

1ª tiragem, 2015

Copyright © Jair Vitória, 2015.

Saraiva Educação Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-010 — Pinheiros — São Paulo-SP

SAC

0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

820656.001.001

Aos meus filhos:
Lucilene, Larissa e Juliano,
e esposa: Maria Anunciada

Sumário

1. Sementes de uma paixão 7

2. Emoções 34

3. Sarau 49

4. A trama de um negócio 70

5. Esperança criminosa 95

6. O avesso do coração 119

7. No segredo de uma revolução planejada 159

8. Era uma vez o sonho da revolução 183

9. Razão, ainda que tardia 200

O Autor 220

Entrevista 222

Sementes de uma paixão

Quando o doutor Tomás Antônio Gonzaga, o futuro Dirceu, chegou a Vila Rica, em 1782, o moço Pedro Sião Alcantil, o Pedroco, já andava com os olhos e o sentimento encantados de amor por Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão, a futura Marília de Dirceu. Namorava aquela menina a certa distância. Às vezes, de longe. Preparava o momento. Sabia o nome dela, mas a impressão de moço apaixonado em silêncio queria chamá-la somente por Doroteia. Já ouvira seus irmãos menores chamando a menina de Téia¹, mas achou infantil. Quando ela se tornasse sua amada de mãos seguras, de abraços e beijos, haveria de chamá-la somente por Doroteia, ou mesmo Dora, ou então Doroti. Téia? Talvez, até. Agora, as coisas andavam baralhadas, subindo do coração para a cabeça.

No belo cavalo castanho, o Chamusco, ou na besta Cigana, Pedroco entrava na Vila Rica², de muitos escravos, igrejas, corrupção e do problema do ouro cada vez mais escasso. Sempre queria passar em frente à casa onde Doroteia morava com o tio Silva Ferrão. O pai dela era um miliciano, capitão João Mayrink, e passava a maior parte do tempo ausente, combatendo o contrabando de minério nas estradas para o litoral, principalmente para o Rio de Janeiro.

Dia de sol no cocuruto dos montes, despejando luz nos vales. Doroteia, a irmã Ana Ricarda e duas escravas descendo para a

1. Conforme o acordo ortográfico da língua portuguesa de 1990, a palavra “Téia” não deveria ser acentuada. Mas por uma questão de homofonia, a fim de diferenciar o apelido da personagem da palavra “teia”, o acento foi mantido.

2. Atual cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais.

bica. Pedroco no cavalo predileto, suado pelo trote da fazenda até a cidade.

– Vamos passar por ela – sussurrou para o cavalo ouvir. Ao se aproximar das mulheres, viu que Doroteia enchia a bilha com a água que caía da bica. O moço queria dizer alguma coisa, algum galanteio, mas, naquele instante, sentiu-se entalado no esforço do amor platônico. Tocou o animal até lá na frente e voltou. Passou pelas mulheres, que já subiam de volta para casa. Preparou uma frase para oferecer um favor. Queria dizer “Doroteia”, não conseguiu:

–, posso levar a bilha?

Ana Ricarda foi quem agradeceu:

– Obrigada, não precisa.

Pedroco olhava para Maria Doroteia, que o fitou de volta sem firmeza nos olhos. Talvez tivesse gostado mais do cavalo que do moço? O rapaz sentiu-se nervoso. Era mais bela que qualquer encantamento que existisse no mundo. Pensou em tocar o animal num galope, mesmo morro acima, mas acabou por seguir num passo nada rápido. Queria olhar para trás e encontrar os olhos dela nos dele, mas não teve coragem.

– É meio menina ainda, Chamusco? – interrogou ao cavalo.

– Não, não é. Já tem olhos que pensam no amor – respondeu para si.

Tocou de volta para a fazenda, a alguns quilômetros de Vila Rica. Assobiando e depois cantarolando. Morava com os pais na fazenda Cascata. Ao olhar para a porteira da entrada, disse para si em voz alta:

– Essa fazenda vai se chamar Cascata Bela, por causa da Doroteia. Mais bela não deve existir nem em Portugal.

Entretanto, ninguém precisava saber o porquê do acréscimo de Bela ao nome da fazenda Cascata. Só contaria depois de se casar com Doroteia. E primeiro para ela. Podia até mesmo pedir ao Aleijadinho para escrever o nome da fazenda numa placa de pedra-sabão para colocar na entrada. Ah, não, ora, por que perturbar o mestre Lisboa, que tinha tanto serviço, tantas estátuas para cinzelar e, além disso, andava com aquele mal que roía seus

dedos? Ele mesmo podia arrumar uma tábua e escrever com um ferro quente. Depois, quando se casasse com Maria Doroteia, mudaria o nome para fazenda Cascata Doroteia. E foi chegando em casa, com a cabeça fantasiando essa esperança. Um sentimento que pulsava a felicidade que o amor futuro devia trazer. Pulou do cavalo, tirou a tralha do animal, puxou-o para o cocho, descascou cinco espigas de milho e perguntou:

– Será que vai dar certo mesmo, Chamusco?

Ao ouvir o nome, o cavalo deu uma olhadinha de lado. E, naquele instante, a mula Cigana ia caminhando para o cocho. Também queria milho. A besta, com pelo de rato escuro, tinha as orelhas esticadas, os olhos vivos. Ameaçou soltar um relincho, mas só disparou um meio riso. Pedroco sacudiu a cabeça negativamente. Empurrou as espigas do cavalo para uma extremidade do cocho, descascou somente quatro para a mula e ficou de pé entre os dois animais, que mordiam as espigas e mastigavam com calma. Maria Doroteia passeava em seus pensamentos, que inventavam lembranças sentimentais atiradas para o futuro.



“Ela haveria de gostar de morar naquela fazenda, um pouco afastada da agitação de Vila Rica, mas, se não quisesse, poderiam viver na cidade. Vila Rica de tantos pecados, de tantos crimes, de tanta ganância, de tantos escravos assassinados. Era um lugar de muitas atrações, mas também de horrores. As igrejas não conseguiam impedir as barbaridades.”

– Quer mais uma espiga, Cigana? Então, lhe dou.

Conversou com a mula como se falasse com um ser humano e se afastou, pensando na tábua onde devia escrever o nome da fazenda com a inspiração que vinha de Maria Doroteia. Chamou o negro Janoto e pediu que ele arranjasse uma tábua de peroba branca assim-assim.

– Arrumo logo, Ioiô.

Janoto, espertalhão, eficiente. Não era um escravo propriamente dito. Naquela fazenda não havia escravos no sentido político daquela época. Eram negros bem tratados que trabalhavam e produziam. Plantavam roças. Criavam galinhas e alguns porcos. Não tinham salários, mas gostavam de viver daquele jeito. Pelos arredores, os escravos eram tratados com crueldade, humilhados e machucados, muitas vezes mortos. Os negros dali, se quisessem, podiam sair à procura de uma vida melhor, mas não ousavam deixar a fazenda. Sabiam que lá fora o mundo era pior e não havia lei para a proteção dos negros, considerados animais sem alma, nascidos para o trabalho de servidão ao branco.

O negro não demorou a aparecer com a tábua, um pouco longa, mas de boa largura. Pedroco serrou um pedaço. No dia seguinte, escreveria o nome da fazenda com a palavra Bela, que simbolicamente representava Maria Doroteia. Alimentava um sentimento de superstição de que se alguém soubesse o porquê daquele nome não iria conseguir se casar com aquela menina-moça. E foi dormir viajando para Vila Rica no voo dos pensamentos. Subindo e descendo ladeiras. Maria Doroteia com o cabelo preto sedoso, brilhando ao sol. O rosto com pele de veludo. Os olhos de luz viva como astros desconhecidos. A voz, que ele ouvira poucas vezes, falando alto com irmãos, irmãs, ou com as escravas. Voz feita com um timbre de sedução. Por que

não conversar com o tio dela? Confessar que desejava se casar com aquela menina... E depois conversar com o pai, quando o encontrasse em Vila Rica. Ou poderia ir onde ele estivesse trabalhando, na estrada para o Rio de Janeiro, onde passava a maior parte do tempo.

Oh, mas não era uma besteira conversar com os responsáveis por ela antes de cativar seu sentimento feminino? Acreditou estar colocando a carroça na frente do cavalo. Agora, era só pensar nela. A noite é o teatro para os pensamentos fortes; a atmosfera, propícia para desabrochar as flores dos desejos mais marcantes e exalar os perfumes mais inspiradores. Maria Doroteia num sonho. O rosto dela se aproximando do seu. Os lábios femininos se aproximando da sua face direita. Perfume de menina-moça. O sorriso dos olhos. O despertar frustrado do moço, suado, o coração em disparada. Levantou-se. Parecia não estar se sentindo bem. Meio sufocado. Saiu da casa e foi olhar não sabia o quê nos esconderijos da noite nada clara. Amar era igual a voar por cima dos montes de Vila Rica. Decidiu que precisava desenvolver em si a coragem dos homens dotados de ousadia para as grandes realizações. Conseguir Maria Doroteia para o seu amor era a realização maior da sua vida. Sentiu esta pulsação no espírito.

Amanheceu um dia de sol. Pedroco pegou um ferro de marcar gado, fez fogo e o colocou para esquentar. Apanhou a tábua e, com um pedaço de carvão, escreveu:

FAZENDA CASCATA BELA

E era como se Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão, a futura Marília de Dirceu, estivesse começando a se materializar naquelas letras, principalmente na palavra “Bela”. Com o ferro em brasa, começou a queimar as letras. A mãe se aproximou e perguntou o porquê daquele serviço. Num tom de quase desusada alegria, ele disse:

- O nome da nossa fazenda, dona Jovência.
- Dona Jovência?!
- Oh, mãe, até pensei que a senhora fosse outra mulher.

E também se aproximaram as três irmãs para ver o serviço do irmão. A mais brincalhona disse que ele estava querendo ser um novo Aleijadinho. Janoto riu e disse:

– Pra ser um novo Aleijadinho é preciso arrancar pedra-sabão e cinzelar fazendo estátuas.

– E ver os dedos caindo com doença. Ouvi falar que o Aleijadinho é capaz de ficar sem os dedos e até sem as mãos – emendou Mariana, brincalhona.

A mãe interrogou:

– E como é que ele vai continuar esculpindo?

– Amarra as ferramentas nos braços, Janoto disse.

Serviço pronto. Pedroco admirou as letras com carinho sentimental, só porque a palavra “Bela” levava a lembrança para Maria Doroteia. Foi para a porteira da entrada da estrada que vinha de Vila Rica. Janoto caminhando com ele, levando uns pregos e um martelo. O negro queria subir na árvore que ficava do lado direito da porteira de quem vinha de Vila Rica, mas o rapaz exigia que ele fizesse o serviço. Esperança para trazer sorte. Superstição. Subiu e pregou a tábua.

– Dá pra ler bem, Janoto?

– O ioiô sabe que eu só vejo garrancho preto.

– Aqui, nesta tábua, está escrito: fazenda Cascata Bela. “Bela” por causa dela...

– Nhô?

– O nome não fica mais bonito, Janoto?

– Fica, sim.

Mais tarde, voltando de Vila Rica a cavalo, o pai observou a placa. Gostou.

Pedroco sabia ler bem. Estudara com os padres, mas não quisera seguir a vida eclesiástica porque não era de viver ligado em igrejas, santos e rezas. Preferia o mundo dos animais e das plantas. O pai até queria que ele fosse estudar em Portugal, na escola de Coimbra, e virasse um doutor da lei, mas o filho não sentiu motivação para atravessar o mar a fim de estudar e respirar os ares da Europa.

– Mande o Pedroco pra estudar em Portugal, Aristarco. Por que não? – a mãe chegou a pedir.

– Já falei com ele. Prefere ficar por aqui, olhando a fazenda.

– Acho uma falta de tino.

As três filhas também tiveram algum estudo com os padres e sabiam escrever e ler. Às vezes, até iam à Casa do Teatro em Vila Rica ver aquelas pecinhas que faziam rir.

Aristarco não queria mexer com ouro, nem com diamante. Na certa, guardava dentro de si aquele trauma provocado pela morte do pai, Ramiro Sião Alcantil, que fora pego levando minérios para o Rio de Janeiro em 1741. Contrabando. O pai foi enforcado numa árvore à beira da estrada. Era um tempo de ambição louca. Um homem ficava rico de manhã e morria à tarde. O avô do Pedroco já tinha adquirido aquelas terras quando morreu enforcado. Terras sem lavras de ouro. Entretanto, naquele chão, escondera um pote com pepitas e barras de ouro, e diamantes. Um dia chamou o filho, cavou o chão, mostrou o tesouro e disse:

– Ari – era assim que chamava o filho –, aqui está o nosso tesouro em ouro e diamante. Se eu morrer, você já sabe onde está o seu futuro e o dos seus filhos. Um dia esse ouro vai acabar ou diminuir muito por aí. Um dia, o Brasil vai virar um país livre de Portugal. Uma nação com o seu rei. Enquanto isso, vou negociando. Nasci pra fazer negócio. Um dia, você pode mostrar isso ao seu filho mais ajuizado, se tiver mais de um. Alguém tem sempre de saber desse tesouro. Lá no futuro, na certa, vai ser fácil negociar esse ouro e os diamantes. Mas não conte nada à sua mulher. Só conte à filha mais ajuizada, se você não tiver um filho. Um homem. Sei que muita gente enterra ouro por aí. E o pessoal do governo de Portugal sempre com olhos de desconfiança e de investigação. É preciso cuidado, mesmo não tendo catas em nossa fazenda.

Aristarco ainda era um adolescente quando o pai lhe mostrou aquele tesouro e pediu segredo. Começou também a alimentar a ambição para conseguir mais ouro. Era uma espécie de febre que contaminava aqueles homens atrás do metal amarelo, uma

ambição que não tinha limites, que ferroava a inquietação da ganância, como se fosse aumentando cada vez mais a felicidade de viver. Muitas vezes, tentavam fugir com algum contrabando do minério num saquinho de couro e, de repente, todo o apego virava nada. A vida perdia a serenidade harmoniosa, de quem é capaz de observar o tempo transitório do homem no mundo e, no exagero do desequilíbrio que a ganância provoca, muitos se perdiam sem a paz de espírito que somente a sabedoria da alma é capaz de suscitar. O avô do Pedroco foi um daqueles estouvados na busca dos passageiros bens materiais. E Aristarco estava ainda jovem quando chegou a notícia de que Ramiro Sião Alcanti fora pego contrabandando ouro e diamante, morrendo enforcado na beira da estrada. Seu corpo ficou dependurado por um dia como exemplo do que ocorria com aqueles que não obedeciam às severas leis de Portugal. Aristarco viu a mãe chorando e chorou também, pensando no tesouro enterrado no chão da fazenda, com galhos secos disfarçando o esconderijo. Naquele instante, jurou:

– Nunca vou mexer com ouro e nem diamante. Só com roças e animais.

Virou homem e casou com Jovência. Entretanto, não deixou aquele tesouro intacto. Abriu a cova, tirou algum ouro e dois diamantes, e viajou para Taubaté com o contrabando oculto nas orelhas do cavalo. Viajava como um simples comprador de cavalos, sempre dizendo que não gostava de mexer com nenhum tipo de minério, que seu negócio eram animais e cereais. Conseguiu vender o pouco ouro e os diamantes a um espanhol que, naquela mesma noite, partiu rumo ao mar. No dia seguinte, o pessoal da milícia apareceu para uma investigação minuciosa na pensão onde Aristarco estava instalado. Escapara por pouco. Olharam dentro das orelhas do cavalo, examinaram a crina, o rabo e até a região do saco escrotal do animal. A estrada para o Rio de Janeiro era mais vigiada, mas, para onde quer que fosse, a polícia do rei de Portugal podia estar presente, pronta para tomar tudo e matar em nome do reino. Aristarco ordenou para si mesmo:

“Faço mais isso, não. Vou esperar o sinal dos tempos mudar o rumo das coisas”.

Por não ter sido pego e morto, fez um voto para tratar os negros como gente que merecia respeito. Já não tratava os escravos com crueldade e, ao retornar daquela viagem, mostrou uma brandura humanista mais acentuada. Entre os aparentemente escravos, de quem mais gostava era da vovó Sabina, que o povo, aos poucos, foi chamando de vovó Sabença.

Vovó Sabença, que conseguia curar muitas doenças, fazia as mais variadas benzeduras e, na língua do povo, conversava com os mortos. Era chamada de Sabença porque sabia de tanta coisa que os moradores dos arredores ficavam abismados. Negócio de conversar com as almas, receber informações de acontecimentos futuros... Adivinhava? Escutava mesmo almas do invisível, do outro mundo? Coisa muito perigosa. A Igreja tinha autoridade para prender, julgar e matar quem mexia com tais coisas. Até queimar em praça pública. Bruxaria: assim as autoridades religiosas julgavam. Prática proibida. Era por isso que vovó Sabença sempre desmentia, dizia que não conversava com alma de nenhum morto. Era ajudada por Jesus e Nossa Senhora. Só fazia o bem.

Vovó Sabença chegara a Vila Rica no ano de 1720. Não sabia que ano era aquele, mas ficou em sua cabeça como o ano que mataram Felipe dos Santos. Estava lá quando aquele rebelde foi amarrado em quatro cavalos e os animais, açoitados. Exemplo para ninguém se revoltar contra o rei de Portugal. Felipe dos Santos teve morte pavorosa. Vovó Sabença viu o espetáculo cruel. Mocinha ainda, comprada no Rio de Janeiro e levada para Vila Rica. Chegara de Angola ainda menina. Separada dos pais, que foram para uma fazenda às margens do rio Paraíba, Sabina ficou trabalhando para uma família que morava próximo do porto. Chorou lágrimas africanas ao ver os pais indo embora.

Um dia, a família da qual era propriedade, fascinada pelo ouro de Vila Rica, pegou a estrada das minas famosas e foi tentar achar a riqueza, como tanta gente. O proprietário de Sabina se envolveu com o contrabando de ouro e foi morto com um tiro de bacamarte. A viúva resolveu voltar para o Rio. Vendeu Sabina ao Ramiro Sião,

que a levou para o Arraial do Tejuco³, onde garimpava diamante. Quando Aristarco nasceu, Sabina estava amamentando um filho que concebera de um escravo. Então, queria também amamentar a criança branca, mas a mãe do pai do Pedroco não sentiu necessidade. Tinha muito leite e queria amamentar seu filho. Sabina, que ainda não era vovó Sabença, era uma negra prendada no lar e mesmo no garimpo. Pegou alguns diamantes que Ramiro Sião guardou no seu saquinho de couro, fez fortuna e comprou, ou adquiriu quase de graça, aquelas terras perto de Vila Rica, onde tinha de procurar ouro sob as leis de Portugal. Não encontrou minério que valesse a pena. Não tinha muita vocação para a agricultura, mas colocou os escravos naquele trabalho e continuou negociando ouro e diamante. Um dia, a escrava Sabina deu-lhe um conselho:

– Nhonhô Ramiro, era bom o senhor esconder ouro e diamante debaixo do chão. O futuro é tempo incerto. Pode trazer tempestade de dificuldade. O mundo vai mudando. Essa Vila Rica vai virando um mundo louco. O ouro vai diminuir. Vejo até um futuro difícil.

– Vê o futuro, Sabina?

– Assim, mais ou menos.

– Quem te mostra o futuro?

– Assim-assim. Até escuto fala...

– Será que você anda escutando o diabo, Sabina?

– Não. Só gente boa de Deus. Até vejo.

– Pare com essa conversa por aí, ouviu? Se a Igreja souber, dá uma batida por aqui.

– Falo não, pra ninguém. Mas é bom o senhor esconder ouro e diamante.

– Sei não.

Ramiro Sião tinha orgulho de homem branco que achava não ter de escutar conselho de uma negra, sua propriedade, mas ficou pensativo. Acabou por esconder o tesouro num pote, como até mesmo negro fugido fazia, mas não contou à escrava que seguira o conselho.

3. Atual cidade de Diamantina, em Minas Gerais.

E Sabina foi ficando na fazenda Cascata. Trabalhando no que podia. Só não amansava cavalo xucro e bois para o carro. Trabalhava também nas roças, mas a patroa a preferia em casa. Seu tempero era de fazer o cheiro salivar o apetite. Seu único filho era beberrão. Quando bebia, queria brigar, até que morreu esfaqueado por outro escravo.

– Deus dá e Deus leva – disse Sabina. – Mas o João Quinca foi antes da hora. Forçou a volta. Tem gente que volta mais cedo porque caça. Aí sofre mais. Nhonhô Ramiro também... Se tivesse obedecido à lei do rei, ainda andava por aí. O povo dessa Vila Rica endoidou por causa de ouro. Acha que só isso vale a vida. Eu acho de mais valor é o arroz, é o feijão, o milho, o porco gordo, o gado, o leite, as galinhas. Gosto mais de um cachorro amigo que desse tal de ouro. Tanta gente já morreu feito boba correndo atrás de brilho de metal. Choro por causa da morte do João Quinca, mas ele também ficou bobo por causa de bebida. Dei conselho até não acabar mais. Adiantou nada.

Jovência, ali perto, ouvindo o palavrório da benzedeira. Achava que Sabina tinha razão. Gostava daquela negra como alguém que habitava a estima do seu sentimento.

Sabina foi criando fama de saber benzer e curar. Benzeduras contra mau-olhado, espinhela caída, ventre virado, quebranto, desmaios frequentes e outros males. Um dia benzeu a picada de uma cascavel na perna de um homem branco e ministrou um chá com um tipo de folha. Contavam que o homem, negociante de minérios, conforme as leis, não sofreu nada e depois tentou comprar a negra:

– Quero levar essa escrava pro Rio de Janeiro pra cuidar da minha casa. Compro pelo preço que valer.

– A Sabina não é escrava e nem está à venda. É quase dona dessas terras – explicou Aristarco.

– Ah, ela tem sabedoria. Já vi mesmo uns escravos que têm uma sabedoria oculta que o homem branco não tem. Será que alguns conversam mesmo com as almas dos mortos, senhor Aristarco?

– Isso eu não sei.

– Não sabe se a dona Sabina conversa?

– Não. Isso não. Só com as almas dos vivos, mesmo.

– Se ela conversasse, eu queria até que ela olhasse a minha sorte.

A benzedeira, envelhecendo, foi virando vovó Sabina. Que sabia e fazia coisas do arco da velha. Certa vez, uma senhora de Vila Rica, que levou uma menina para ser benzida, disse:

– Eu trouxe minha filha pra ser benzida pela vovó *Sabença*. Ela não quer parar de chorar e me falaram que aqui nesta fazenda essa escrava pode benzer qualquer mal e curar.

O pessoal da casa riu: *vovó Sabença*. Dona Jovência esclareceu que vovó Sabina era uma negra, mas não uma escrava. E a mulher não conseguiu esconder o seu orgulho de senhora branca transportada por coche puxado por dois cavalos. Dois escravos caminhando, um na frente e outro de lado, e uma escrava sentada ao lado dela na carruagem.

– Sabe como é. Na igreja, o padre Manoel Salviano benzeu, mas a criança continua com o mal. Sabe como é, negro... escravo... Dizem que essa gente é feiticeira e mexe com coisa do diabo. Mas eu ouvi que essa vovó Sabença de vocês só trabalha com Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora. E aí, minha filha de 3 anos, sabe como é... Eu queria uma benção dela.

Jovência levou a senhora à choupana da curandeira e, aproximando-se da espelunca, chamou por vovó Sabença.

Jovência explicou que a benzedeira morava ali sozinha porque gostava. Podia viver na casa grande da fazenda, mas não queria. Preferia o seu mundo, as suas coisas, as suas galinhas, fumar seu cachimbo e “*conversar com almas do outro mundo*”.

– Credo em cruz! Isso também? – assustou-se a senhora.

– Estou brincando. Ela só conversa com os passarinhos.

– Se for mesmo, eu fico com medo e sabe como é...

– Não precisa ter medo. Vovó Sabença tem a bondade de Jesus.

A senhora, vestida no estilo de gente da sociedade vilariquense, não se sentiu à vontade ao entrar naquela cabana, mas teve de passar para o quarto da benzedeira, que logo apresentou o diagnóstico:

– Sua menina é muito bonita. Puseram olho gordo nela. Quebranto. Gente que quer ter uma menina de boniteza assim e não consegue. Até quebranto que a pessoa nem queria tacar na sua filha. Mas tem olho forte demais. Faço a benzeção e esse ar negativo some.

Vovó Sabina benzeu a menina, que foi mostrando um rostinho sereno. A senhora quis pagar, mas a benzedeira recusou:

– Isso é trabalho de Jesus e Maria, mãe dele. Não posso cobrar nada, não. Jesus só pede pra senhora fazer caridade com os seus escravos e não maltratar os coitados. E ajudar os pobres. Caridade é que apaga pecado.

A criança se livrou da sua agonia e, daquele dia em diante, vovó Sabina foi virando vovó Sabença. Uma mistura das duas. Sua fama foi andando pelas ruas de Vila Rica, e ela estava sempre consciente de que o melhor era rejeitar o boato de que conversava com almas do outro mundo. “Era pura invenção dos linguarudos”, dizia.

Em criança, Pedroco chamava a benzedeira de vovó Sá. Depois adotou vovó Sabença e lhe pedia a bênção. Quando menino, achava que a negra sempre existira daquele jeito, desde o sem-fim do passado. Devia ter a sabedoria das coisas ocultas dos homens normais. O tempo foi desfolhando os meses e anos nas folhinhas dos calendários. Quantas vezes sentara no colo de vovó Sabença para ouvir histórias que a mãe não sabia contar?

– Nasci aqui não, Pedroquinho – recordava vovó Sabença – Nasci do lado de lá do mar. Na África. Angola era o nome do meu lugar. Deve ser ainda o mesmo nome. E foi que pegaram a minha gente. Prenderam. Amarraram. Puseram a gente num navio tumbreiro. E o marzão que batia estalando que nem o chicote de um homem que mandava a gente bulir pra não morrer parada. Tempão no mar que parecia sem fim. No Rio de Janeiro, meu pai e minha mãe foram não sei pra onde. Mas, quando eu morrer, vou encontrar com eles...

– Ê, vó...

– Sei que vou. Você é um menininho. Não entende nada. Deus

nunca desampara quem vive no bem-fazer. Só sei que um dia seu avô Ramiro me comprou. Foi andança de cansaço até no Arraial do Tejuco. Mas seu avô foi que nem pai pra mim. Seu pai também. E você, vai ser que nem um pai pra mim, Pedroco?

– Eu, vó!? Vou ser.

– Se eu não morrer antes de você crescer, né?

– Eu acho que a senhora não vai morrer nunca.

– A gente morre é aqui no mundo, mas vai pra Deus...

Pedroco, quando criança, ouvia sem entender o sentido mais profundo que a benzedeira queria dar a sua história.

Mas agora Pedroco era um homem moço. A paixão por Maria Doroteia em fervura no sentimento. O coração feito um vulcão querendo explodir. Aquela inquietação por dentro. Tocou para Vila Rica montado na besta Cigana. Ver Maria Doroteia era sentir encantamento nos olhos. Às vezes ela saía de casa e ia com uma das escravas e a irmã Ana Ricarda pegar água no chafariz da praça.

Pedroco encontrava amigos, conhecidos, bebia algum conhaque ou mesmo uma dose de aguardente. Naquele dia, ficou esperando. Quando o sol abrandou, a menina-moça saiu de casa com duas escravas e os irmãos mais novos. Uma borboleta meio regateira.

– Você não é mais tão menina pra ficar correndo assim, Téia. Vai derrubar a bilha e quebrar – disse uma das escravas.

Pedroco caminhou para passar perto do chafariz. Aquela tonturinha provocada pela aguardente lhe dava mais coragem.

– Posso ajudar a carregar a água. A botija.

A menina-moça olhou para ele com uma carinha de quem achou esquisita aquela oferta de favor. Uma das escravas disse:

– Ninguém precisa disso aqui não, moço.

Pedroco deixou escapar um riso forte, e a escrava observou:

– Ele deve ter é bebido. Pra casa, gente.

Não ouvira a voz da menina-moça, mas se contentou com o seu olhar. Uma hora iria parar na sua frente, desengasgar tudo o que desejava dizer e sair com ares triunfantes. Maria Doroteia já devia estar pensando no amor, sentimento que sem aviso e sem preparo

vai se formando no coração de todas elas. E que vai produzindo pensamentos, floreando ilusões, fantasiando sonhos. Aquela filha do João Mayrink podia começar a sentir um despertar de querer bem de amor por ele. Julgava que sim. Que ela o observasse passar montado no cavalo Chamusco, na besta Cigana ou noutra animal. E também o visse na igreja Pilar dos Nobres ou noutra igreja. A sorte estava lançada pelas mãos da esperança. Um dia aquela menina-moça teria de gostar de ir à fazenda Cascata Bela. E saberia o que significava Bela naquele nome. Ficaria encantada com a cascata que se despencava sobre as pedras, urrando, e o ribeirão rolando com suas águas puras. Os pássaros espiando os dois num enleio de amor realizado. Quando os ipês, encarapitados nos ombros dos montes e na bacia dos vales, se vestissem de flores, em agosto ou setembro, a vida haveria de ter mais beleza. De repente despertou e sussurrou para dentro de si:

“Sei lá. Penso cada coisa que até fico besta”.

Na praça, a menina-moça já não estava. Será que em casa se lembrava dele? Sentiu como se o tempo para a aproximação daquela menina ainda estivesse a caminho. Vinha chegando. Temia que, se falasse com o pai dela, poderia ouvir:

“A Maria Doroteia ainda é uma menina”.

Ao se aproximar da entrada da fazenda, tocou o cavalo num galope. Esbarrou o animal. Puxou uma garrucha de um embornal dependurado na cabeça do arreio, que sempre carregava do lado direito. Meio zozzo. Apontou para a placa. Desviou a mira e atirou na copa do pé de cedro. Os chumbos cortaram algumas folhas. Depois do estampido, um grito:

– Teteia!

Em casa colocou cinco espigas de milho para o Chamusco, como sempre fazia. Era uma espécie de ritual de agradecimento. A besta Cigana não apareceu. Estava longe, no pastinho feito de cerca com lascas e troncos deitados, uns sobre os outros. E um trecho com cerca de pedra. Assobiou. Jurou para si que Maria Doroteia olhara para ele com olhos mais luminosos que o normal. Cantarolou uns versos que ouvira os negros cantando:

*Quando acabar esse ouro
das minas de Vila Rica,
toda essa gente orgulhosa
quero ver como é que fica.*

Foi tomar banho na cascata que dera nome à fazenda e que ele queria que fosse de Maria Doroteia. Depois sentou numa pedra. Os bicudos pretos gorjeando nos galhos folhudos. Uma saracura esticando o pescoço e olhando para ele com desconfiança. Borboletas esvoaçando sobre o capim. Quando menino, não tinha tempo de ficar sentindo uma inquietação de amor daquele jeito. Contentava-se muito bem com as histórias da vovó Sabença.

– Conte uma história, vovó Sá. Como nasceu o ouro? Quem fez o ouro?

– Quem fez o ouro foi Deus. Deus foi quem fez tudo.

– E Deus mora onde?

– Mora no céu, mas anda por aí em toda parte. Sabe quem foi a primeira pessoa que achou ouro aqui em Vila Rica?

– Nem sei. Foi o vovô Ramiro, que eu nunca vi?

– Foi não, Pedroquinho. Foi um escravo. Um negrinho moço. Contavam que o nome dele era Tengegê. Ele até conversava com gente do outro mundo. Falavam. O povo sempre fala demais. Tengegê era um escravo. Andava com o dono no sem-fim do sertão. Gente nenhuma nem morava por aqui. O dono do Tengegê parou nesse mundo e o escravo moço zanzou por esses vales e montes. Viu pepitas de ouro brilhando dentro da água de um córrego. Água limpinha correndo. O sol fazia o ouro brilhar dentro da água rasa. Contam, se é verdade eu não sei, mas Tengegê acabou por ganhar a liberdade por ter achado o ouro. Voltou pra Angola. Livre que nem homem branco. Mas eu não volto mais. Meu mundo agora é aqui. Ou você quer que eu vá embora daqui, Pedroquinho?

– De jeito nenhum que não, vó. Eu não deixo. Conta de novo a história daquele macaco que a senhora chama de Traquina, vó.

– Eu não chamo. Escutei foi da língua do povo. Era uma vez um tal de João Peralta. Homem tão danado que o povo dizia que ele